

As dinâmicas territoriais e as identidades geográficas no nacionalismo catalão, segundo Eduardo Mendoza (2018)

Territorial dynamics and geographical identities in Catalan nationalism, according to Eduardo Mendoza (2018)

João Luís J. Fernandes

Departamento de Geografia e Turismo FLUC/UC
CEIS20/CEGOT
jfernandes@fl.uc.pt
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9419-631X>

Eduardo Mendoza não é um geógrafo, mas sim um escritor catalão que assume a vantagem de refletir sobre a Catalunha a partir de fora, com um distanciamento que lhe garantirá a isenção da análise. Neste ensaio, publicado em formato de livro pela Editora Seix Barral e com tradução portuguesa incluída, na íntegra, na edição 149 da revista *Ler*, dispensam-se as perguntas diretas (se se concorda ou não com a independência, por exemplo) e evitam-se as leituras superficiais e apressadas que levam a tomar posição a favor de um ou de outro dos lados da fratura acentuada pelo separatismo catalão. Em alternativa, neste ensaio discute-se a profundidade do contexto, sem o qual não se perceberá o problema e não se entenderão as tensões e os conflitos que, à sua escala, têm contribuído para o enfraquecimento de uma Europa com sinais evidentes de fragmentação.

Lido a partir da Geografia, ainda que o autor não o chegue a mencionar, o texto assenta na convicção que os fatores de natureza espacial e territorial são imprescindíveis para melhor compreender uma instabilidade que pode deixar rasto nos (des) equilíbrios geopolíticos da Europa, em geral, e da Península Ibérica, em particular.

Para Eduardo Mendoza, o separatismo implica uma perda de unidade e um movimento centrífugo no qual está implícita certa deslealdade para com um Estado agregador. Contudo, este desejo de afastamento e início de um percurso individual é a face visível de dinâmicas longas e duradouras mais ou menos silenciosas, porventura reforçadas e revitalizadas por novos impulsos.

Afirmando sentir que existe uma falta de conhecimento real sobre o que se passa na Catalunha, Mendoza reconhece que se atribui ao franquismo e à guerra civil espanhola um peso sobredimensionado nas causas efetivas desta deriva independentista catalã, que não pode deixar de se associar aos novos problemas que Espanha e a Europa agora enfrentam.

O regime de Franco está longe e pertence ao passado. Apesar disso, Mendoza não deixa de recordar

a política repressiva do Estado espanhol para com a língua catalã, naquele período desvalorizada e classificada como simples dialeto.

Falar catalão não era proibido mas o seu uso foi regulado, vigiado, disciplinado. Ainda que nas escolas mais remotas e noutras mais progressistas não se seguisse esta regra, o ensino passou a ser ministrado em castelhano. As matérias discutidas, como a literatura, eram as impostas pelo Estado espanhol. Também a comunicação social usava a língua castelhana. Numa complexa paisagem sonora caracterizada pelo bilinguismo, o catalão, mais que vedado, era tutelado. A sua utilização estaria confinada a atividades, e publicações, com escassa exposição e difusão limitada. Com a chegada de fluxos migratórios, o castelhano foi ganhando espaço e o catalão acabou remetido para as classes médias e altas da Barcelona industrial e para os mais afastados lugares de uma Catalunha rural escondida e de difícil acesso.

A menorização sentida durante o período franquista passou também pelo imaginário regional de identidades estereotipadas que atribuíam adjetivações poucos simpáticas a um catalão visto como um trabalhador tosco e grosseiro que falava uma língua estranha pouco estética. Para Mendoza, o fim dos regimes autoritários pode passar por intervenções na paisagem simbólica, com a remoção de placas toponímicas e de estátuas, por exemplo. No entanto, as sequelas mais profundas são difíceis de apagar, sobretudo nas fações mais conservadoras que assentam o seu poder no permanente reavivar seletivo da memória.

Muitas das dinâmicas que afetam a Catalunha contemporânea têm origem em fraturas que se foram acentuando no passado. Para Mendoza, apesar do encerramento geográfico, o território catalão tem uma longa tradição de chegada de populações exógenas, que se foram fixando em Barcelona em diferentes vagas migratórias. Com o surto industrial novecentista, desceram à cidade comunidades de agricultores e grupos de pescadores que, vindos de

regiões remotas e inacessíveis da própria Catalunha, se fixaram na capital. Esta chegada de trabalhadores considerados rudes e grosseiros alimentou reações negativas por parte de uma elite urbana já preocupada com a preservação dos valores de pureza da cultura catalã.

Esta resistência continuou com a segunda onda de migrantes rurais, desta vez vindos de outras regiões de Espanha, que terão dificuldades de integração no contexto local. Assim se vai consolidando a criação de células comunitárias pouco permeáveis e de uma Catalunha atravessada por fronteiras sociais, culturais e políticas, que perduram até à atualidade. Tudo isto se estrutura em redor de uma elite catalã urbana e burguesa endogâmica, que se insulariza e acantona em torno de símbolos como a língua e uma cultura local verdadeira e autêntica.

Para Eduardo Mendoza, esta cisão aprofunda-se com a chegada de novas vagas migratórias, desta vez vindas do exterior, do Magrebe, da África subsaariana ou de países como o Paquistão. Por isso, e segue-se ainda o autor, na paisagem da Catalunha é possível observar as bandeiras nacionalistas, suportadas por uma base social e cultural homogênea e monocolor, expostas em ruas de uma geografia humana heterogênea e nas quais circulam imigrantes não integrados na sociedade catalã.

Apesar de tudo, esta endogamia é também seletiva. Pode ler-se nesta obra que o nacionalismo e o independentismo catalão começam por ser impulsionados por individualidades isoladas das classes média e alta, que a justificavam por razões históricas e pela rejeição do “outro” espanhol, embora com atração pelo francês e pelo italiano, mas também pelo alemão ou pelo suíço.

Apesar dessas filiações preferenciais ao centro da Europa, para Mendoza, esta elite urbana da Catalunha é menos aberta às trocas que a madrilena. Talvez por isso, ao mesmo tempo que o território catalão se industrializava, se assistiu a uma deriva identitária, encenando-se um passado ao mesmo tempo heroico, épico e mágico. Este misticismo medieval e este imaginário fantástico, materializados em testemunhos patrimoniais como a arquitetura, fazem agora parte de uma paisagem cultural urbana consumida pelo turista em Barcelona.

A simulação identitária que ocorreu na Catalunha industrial não é caso único. Segundo Mendoza, o mesmo aconteceu em territórios outrora subjugados por outros, como a Hungria, a Bélgica e até a Alemanha ou mesmo, acrescentamos nós, Portugal no contexto da afirmação ibérica perante Espanha.

Pelo que se deduz da leitura de Eduardo Mendoza, a relação entre os catalães e a Espanha unificada assenta numa contradição. A ideologia nacionalista e independentista, que pretende o corte com Madrid, acabou por ser reforçada pelos contactos com o Império, abertos pela integração da Catalunha no Estado espanhol. A industrialização daquele território, no contexto de uma Espanha mais lenta, apenas foi possível com o capital mobilizado pela diáspora local que teve acesso às riquezas das antigas colónias espanholas.

Esta modernização acicatóu os conflitos em Barcelona, uma cidade na qual tiveram origem movimentos políticos e ideológicos de inclinação anárquica. Essas revoltas e tensões sociais, numa sociedade fragmentada como a catalã, resultaram no aumento da repressão, em parte aplicada com recurso aos instrumentos e agentes disciplinares do Estado central espanhol.

Para Mendoza, entrando aqui numa área muito cara à Geografia, o progresso industrial é responsável por outras desarticulações espaciais. A modernização de uma Catalunha pobre e rural levou à concentração do poder económico, político e simbólico em Barcelona. Cidade fechada e desinteressante até ao final do século XIX, a capital foi ganhando relevância através de eventos com a Exposição Universal de 1888, a Exposição Internacional de 1929 e, já no final do século XX, os Jogos Olímpicos de 1992.

Neste mundo de contradições discutido por Eduardo Mendoza, o geógrafo destaca a falta de coesão territorial e a assimetria, assinalada pelo escritor, entre a capital e os restantes lugares da Catalunha. A industrialização teve o seu epicentro em Barcelona mas chegou também a outras cidades. Contudo, esta dinâmica reforçou o centralismo da capital, a área urbana que, pese o conservadorismo da sua elite, mais se abriu ao mundo.

É destes paradoxos que emerge uma corrente independentista de matriz catalã, na sua origem pouco aberta à diversidade. Contudo, esta ideologia soberanista foi reforçada pelas circunstâncias. A crise económica e social que teve início nos EUA em 2008, os riscos de desmantelamento do Estado Social, o aumento do desemprego, a falta de perspectivas da população jovem, toda esta instabilidade intensificou os conflitos com o Estado espanhol e adensou a coluna de apoio à independência da Catalunha.

Mendoza não deixa de referir que a questão catalã é sentida no resto de Espanha, sobretudo nas regiões mais periféricas, como um ato de egoísmo e de falta de solidariedade. O escritor, manifestando neutralidade em grande parte do ensaio, acaba o

texto com uma inclinação: este processo já terá ido longe demais, terá consequências imprevisíveis e poucas justificações se encontrarão para uma independência que não trará vantagens. Entendendo como aceitável uma natural assimetria entre o centro de onde é exercido o poder e as periferias, Mendoza deixa um registo de ponderação relativamente ao futuro.

Neste breve ensaio, a Geografia não é citada de modo direto. Ainda assim, evitando as leituras mais apressadas e superficiais da questão catalã, Eduardo Mendoza coloca o debate em domínios que, em sentido lato, se enquadram na interseção entre áreas científicas nem sempre fáceis de separar - a Geografia Social, a Geografia Cultural e a Geografia Política. Os fluxos populacionais, as diásporas, os problemas da coesão territorial, as assimetrias de desenvolvimento, as territorialidades do poder, as identidades geográficas, a tensão entre aquilo que o geógrafo João Ferrão chamou de “localismo globofóbico” (um local que resiste e nega o exterior) e de “globalização uniformizadora” (o predomínio de fluxos transnacionais que eliminam as rugosidades locais e tornam o mundo mais homogêneo), de tudo isto resultam linhas de choque que exteriorizam fraturas estruturais e se expõem a aproveitamentos oportu-

nistas, como aqueles que se juntaram aos movimentos independentistas a pretexto da recente crise das dívidas soberanas e do euro.

Na base de tudo isto, o nacionalismo catalão, pelo que se depreende deste texto de Eduardo Mendoza, será a parte visível de uma região fragmentada na qual a cultura e a identidade, real ou imaginária, acabam por ser um campo de apropriação política.

Este texto de Eduardo Mendoza mostra-nos uma realidade marcada pelo medo em relação ao exterior, pelas ideologias de rejeição do que está próximo, pelos egoísmos territoriais e pelas quebras de solidariedade espacial, que sustentam a vontade para se seguir sozinho na trajetória da globalização, sem restrições nem imposições de qualquer Estado considerado exógeno.

De uma forma ou de outra, em diferentes lugares e pontos de referência, muitas destas tendências marcam as dinâmicas europeias contemporâneas.

Bibliografia

Mendoza, E. (2018). *Que esta pasando en Catalunya*. Barcelona: Seix Barral.